

III Congresso de Líderes Mundiais e Religiões Tradicionais Astana-Cazaquistão - 01-02/07/09

A CNBB recebeu o convite para participar do *III Congresso de Líderes Mundiais e Religiões Tradicionais*, ocorrido na cidade de Astana, capital do Cazaquistão, nos dias 01 e 02 de julho de 2009. A iniciativa de realizar o Congresso foi do governo daquele país, o Exmo. Sr. Nursultan Nazarbaiev. Outros Congressos semelhantes foram promovidos no mesmo país nos anos de 2003 e 2006. Neste III Congresso participaram 69 delegações, oriundas de diferentes países. Representaram a CNBB Dom José Alberto Moura, Presidente da Comissão Episcopal de Pastoral para o Ecumenismo e o Diálogo Interreligioso, e o Pe. Elias Wolff, Assessor da Comissão.

Em continuidade com os Congressos anteriores, o *III Congresso de Líderes Mundiais e Religiões Tradicionais* teve como objetivo promover o encontro de lideranças civis e religiosas para dialogar sobre questões relativas à convivência e à cooperação entre os povos, as culturas e as religiões. O tema central de reflexão foi “*O papel dos líderes religiosos na construção de um mundo de tolerância, respeito mútuo e cooperação*”, tratado em forma de plenárias. Sessões intermediárias trataram dos sub-temas: “Valores morais e espirituais”; “Justiça, paz e segurança”; “Desenvolvimento e harmonia”; “Diálogo e Cooperação”; “Solidariedade e cooperação em período de crise”.

Além de participar das plenárias, a delegação da CNBB foi convidada a contribuir na reflexão sobre os valores morais e espirituais, ocasião na qual Dom José Alberto Moura apresentou sinteticamente o texto que abaixo publicamos na íntegra.



Políticos e religiosos, líderes das Delegações do III Congresso

“Quero saudar a organização desse importante evento e agradecer o convite feito à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil para viver esta experiência de encontro, diálogo e convivência interreligiosa. Uma experiência que muito nos enriquece e consolida os caminhos trilhados na direção do diálogo, do respeito mútuo, da cooperação entre nossas diferentes tradições. Saúdo em especial o Sr. Nursultan Nazarbaiev, e o parabêniso pela iniciativa em realizar esse III Congresso de Líderes

Mundiais e Religiões Tradicionais. Na pessoa do Sr. Nursultan, cumprimento todos os líderes de Estado que aqui se fazem presente. Saúdo respeitosamente os líderes e representantes religiosos presentes neste Congresso.

Eu e o Pe. Elias Wolff viemos da América Latina, mais precisamente do Brasil, onde convivem cristãos católicos, ortodoxos, protestantes, anglicanos, pentecostais e diferentes religiões - tanto as que têm origem nos nossos povos indígenas, como as que para lá migraram junto com os povos africanos, europeus, orientais, asiáticos, e de outras latitudes.

Vimos do Brasil para, humildemente, partilhar com os participantes deste Congresso o nosso jeito de ser, de crer e de viver. E esse jeito de ser, de crer e de viver é formado pelo diálogo, pela relação, pela cooperação e convivência das diferenças. Somos, cremos e vivemos na perspectiva da comunhão. Portanto, nossa presença aqui quer ser uma partilha e um testemunho. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil tem convicção do valor do diálogo e da cooperação entre as religiões. São eixos na promoção da paz no mundo e



também expressão do que há de mais belo e profundo no coração de cada tradição religiosa: a vida, a paz, a fraternidade. Os senhores receberam um folder que apresenta as razões e algumas iniciativas do diálogo inter-religioso no Brasil, a partir da Conferência dos bispos da Igreja Católica em nosso país.

No mundo em que vivemos é perceptível a tensão

religiosa no espaço social. Religião e sociedade são realidades que nem sempre se pertencem mutuamente. Essa relação não é pacífica pelo fato de, entre outros, diferentes sistemas religiosos vivem no meio social tanto uma comum aspiração por exclusividade quanto uma mútua imposição de limites à essa aspiração. As exigências da convivência obrigam ao exercício da tolerância recíproca, mas persiste em muitos meios religiosos um elemento de tensão como constante ameaça ao equilíbrio das relações entre as religiões e destas com a sociedade. Esse elemento identifica-se com a instância de sentido e suas diversas maneiras de garantir a unidade sócio-religiosa. Daqui as diferentes concepções da Transcendência/Divino, do ser humano, da sociedade, da vida do mundo. Algumas



dessas concepções se expressam por fundamentalismos, fanatismos e atitudes de violência que fragilizam ainda mais a cooperação inter-religiosa em busca de um mundo melhor.

Essa realidade de tensão agrava-se ainda mais em espaços onde se percebe a busca do humano sem religião. A concepção religiosa da vida e do mundo é substituída por filosofias de cunho racionalista, naturalista e materialista, que colocam a religião fora do



Dom José Alberto Moura saudando o Exmo. Sr. Nursultan Nazarbaiev, Presidente do

sistema de conhecimento por ser considerada sem o amparo dos critérios científicos modernos. Para muitos, conceitos como “Deus”, “religião”, “fé”, “espiritualidade”, “revelação”, “sagrado”, são vazios de significado, considerados alienação da consciência humana ou simplesmente uma construção social e psíquica.

Neste Congresso, que

acontece no coração da Eurásia, somos convidados a perscrutar o coração das nossas tradições religiosas. Busquemos juntos os elementos que constroem as vias de encontro entre as nossas tradições. Isso não para homogeneizar nossas diferenças. Mas em vista de se construir uma agenda comum nos esforços pela paz no mundo, pela defesa e promoção da vida humana e da criação. Peço permissão, digníssimos senhores, para contribuir com a reflexão sobre esses esforços apresentando as vias que, no meu humilde entendimento, guiam nossos passos nessa direção.

1) A via antropológica: *é preciso afirmar a religião como afirmação do humano. Não basta superar a tensão existente entre as religiões, é preciso fazer com que as religiões não causem tensão e sofrimento ao ser humano. Ela se justifica como afirmação do valor da vida humana em todos os espaços sociais e religiosos. Não existe religião sem humanismo, e todo humanismo que se proponha sem religião corre o risco de frustrar as tentativas de vida feliz almejada por todas as pessoas. O divino e o humano coexistem numa relação constitutiva, pela qual um se remete constantemente ao outro. O ser humano define-se em sua relação com o Transcendente, o qual por sua vez estabelece uma relação originária com o humano. Assim, o valor da religião é garantido também pelo valor do humano que ela promove. Isso tem incidências práticas na vida das sociedades: só tem direito a afirmar a fé em Deus quem crê e promove o ser humano. Ter um credo que nos indica um horizonte transcendência exige compromisso com a vida que se desenvolve na concretude da imanência. Só assim é possível garantir a religião como horizonte significativo na existência das pessoas, condição de sua realização plena.*

2) A via teológico-doutrinal: *as pessoas lançam um olhar ao infinito numa tentativa de encontrar um ponto de apoio para a sua existência. Uma tradição religiosa afirma-se na compreensão que tem do Transcendente/Divino em sua relação com o humano/imanente. As tradições religiosas, particularmente a minha, se propõe como interpretação simbólica da*

auto-manifestação do Transcendente nas situações concretas da existência humana. Elas buscam ser tentativas de resposta aos questionamentos mais profundos da existência humana. E aqui emergem as doutrinas religiosas como tentativas de conexão entre a inquietação humana e a Realidade Última que satisfaz a essa inquietação. Daqui surgem as diferentes linguagens teológicas, os gestos rituais e os símbolos religiosos. Surgem conceitos como Deus, Realidade Última, Transcendente..., concepções que se desenvolvem a partir da experiência finita do Infinito. Não queremos buscar um denominador comum para nossos diferentes conteúdos religiosos. Não se deve pretender homogeneizar as diferenças, o que poderia nos levar tanto ao indiferentismo quanto ao relativismo religioso. Deve-se rejeitar toda tentativa de afirmar que uma religião é “mais verdadeira” do que outra. Todas têm sua verdade enquanto tematização da relação entre o finito e o Infinito. E cada religião o faz a

partir do que considera ser a culminância histórica do seu credo: uma pessoa, um acontecimento histórico, um fenômeno da natureza, entre outros. Essas experiências precisam ser compartilhadas entre nós e podem muito bem ser acolhidas no espírito do diálogo, do respeito mútuo, da veneração pelas diferentes maneiras de manifestação do sagrado. Para isso, devemos colocar nossas tradições à disposição umas das outras, num encontro que nos possibilite atingir, juntos, o universo religioso que ampara e fundamenta o universo humano.



Pe. Elias Wolff, Dom José Alberto Moura e o Cardeal Jean Louis Tauran, Presidente do Pontifício Conselho para o Diálogo Interreligioso

3) A via sociológica: *é preciso buscar a cooperação interreligiosa em vista da defesa e promoção da vida humana e do planeta. A questão central é como nossas religiões podem contribuir para esse fim. Isso nos exige o esforço de um olhar comum para o humano e as vicissitudes do seu meio. Esse olhar comum é base para a cooperação interreligiosa, e se dá em três principais elementos: a) a liberdade religiosa, com respeito ao indivíduo e sua consciência. Aqui avançamos da tolerância para a colaboração para o bem-estar de todos; b) um acordo básico sobre os fins e valores comuns e os meios para alcançá-los. Tratam-se dos valores que trazem substância à vida pública e à busca do bem-estar neste mundo, valores como vida, justiça, liberdade, fraternidade, direitos humanos. Esses elementos têm raízes e significados em nossas diferentes religiões; c) deixar o outro ser e existir, pois no interior de nossas próprias religiões existe espaço para outras perspectivas de um Deus criador e providente. A partir da fé no Deus criador e providente, podemos promover projetos específicos da vida social, cada um concorrendo para o bem da coletividade.*

Ao encerrar minha fala quero, uma vez mais agradecer a oportunidade de aqui estar e compartilhar com vocês a experiência de diálogo interreligioso no Brasil. E se permitem,

confesso que esta experiência me leva a sonhar na realização de um evento semelhante no Brasil, que está de porta aberta para vos acolher.”

Dom José Alberto Moura
*Presidente da Comissão Episcopal para
o Diálogo Ecumênico e Interreligioso da
Conferência Nacional dos Bispos
do Brasil - CNBB*